

ASPECTOS LITERÁRIOS EM MATEUS 4.1-11

Leandro Antonio de Lima¹

RESUMO

Analisa os principais aspectos literários na perícopa bíblica de Mateus 4.1-11, destacando tempo, cenário, personagens, narrador e enredo. O estudo mostra que a passagem foi construída cuidadosamente a fim de criar tensão derivando seu sentido a partir de elementos do texto e do contexto, em suas relações intratextuais e intertextuais. As palavras, os detalhes, o ritmo da narração, os diálogos, etc., são elementos constitutivos de sentido e que tornam possível ler a passagem sem concepções historicizantes. Ao considerar atentamente esses elementos, percebe-se o estilo dramático do autor e o modo como conduziu a narrativa numa tensão crescente até o desfecho.

Palavras-chave

Análise literária, Evangelho de Mateus, aspectos literários, narrativa bíblica.

ABSTRACT

Analyses the main literary aspects of the biblical passage found in Matthew 4.1-11, highlighting the time, scenario, characters, narrator and plot. This study will demonstrate that this passage was carefully constructed in order to create tension, deriving its meaning from elements both in the text and context, as well as through its intratextual and intertextual relations. The words, details, narration rhythm, dialogue, and other aspects are constitutive sense elements which make it possible for the passage to be read without historicizing conceptions. When one considers these elements carefully, it is possible to notice the author's dramatic style especially in the manner in which he conducted the narrative with growing tension until the passage's closing.

Key words

Literary analysis, Gospel of Matthew, literary aspects, biblical narrative.

¹ Doutorando em Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Texto bíblico: Mateus 4.1-11²

- 1 A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.
- 2 E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.
- 3 Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães.
- 4 Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.
- 5 Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo
- 6 e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.
- 7 Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.
- 8 Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles
- 9 e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.
- 10 Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.
- 11 Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.

Introdução

A arte literária tem um papel crucial na conformação da narrativa bíblica. Segundo Robert Alter, é “[...] um papel finamente modulado a cada momento, quase sempre determinante na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração, nos pequenos movimentos do diálogo e em toda uma teia de relações que se ramificam pelo texto” (2007: 15). Prestar atenção a esses detalhes pode realmente ser útil para entender de forma mais completa o sentido de cada texto. Isso obviamente não significa abrir mão das ferramentas tradicionais de análise das passagens bíblicas nem do conceito de história, mas é olhar para o texto como um elemento completo e com sentido próprio sem determiná-lo por concepções historicizantes.

Em Mateus 4.1-11 há a narrativa da tentação de Jesus. É um dos textos mais importantes do evangelho de Mateus (também faz parte dos sinóticos, sendo que Lucas optou por uma ordem diferente e Marcos fez um sumário) e determinante para o entendimento da pessoa de Jesus que é explicitada na história. Há diversos elementos

² O texto bíblico é retirado da BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

literários que podem ser identificados e que aduzem sentido ao texto. O que faremos a seguir é uma análise de alguns deles.

Tempo

No verso 1 há uma indicação de tempo: referência ao batismo de Jesus (“A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto”) A expressão estrutura a mudança de cenário que acontecerá da região do Jordão (onde tem água) para o deserto. Situa também o momento da tentação como tendo acontecido logo após o batismo, onde Jesus recebeu a aprovação divina. Agora, Satanás o tentará para ver se ele faz jus a isso tudo.

No verso 2 há uma indicação de tempo: referência lógica que enfatiza a intensidade da fome e da dedicação de Jesus: “E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome”. Quarenta é um número importante que traz reminiscências do Dilúvio, dos israelitas e os quarenta anos de peregrinação no deserto, de Moisés no Horebe até receber a Lei, de Elias e a jornada de quarenta dias e quarenta noites (Gn 7.12; Êx 24.18, 34.28; 1Rs 19.8) O teste toma lugar conjuntamente com o jejum, que pode ser subentendido como ordenado por Deus. É difícil saber se a noção rabínica de expiação através do jejum esteja longe da mente do escritor. Há muitas situações paralelas no Antigo Testamento que precisam ser consideradas. Moisés (Ex 34.28) e Elias (1 Rs 19.8) jejuaram por quarenta dias e quarenta noites. Já houve paralelos estabelecidos no capítulo 2 entre Jesus e Moisés; a referência ao jejum de Moisés de quarenta dias e quarenta noites em Deuteronômio 9.9 ocorre mais provavelmente no contexto de Deuteronômio 6–8, que serve como base para essa passagem. Mateus, que é o único dos sinóticos a se referir às quarenta noites, pode mostrar a influência dessa linguagem, mas é mais provavelmente que o número quarenta em si mesmo (comum nos sinóticos) seja uma referência meio inconsciente aos quarenta anos no deserto (Dt 8.2). (HAGNER, 1998: Mt 4.1).

No verso 3, a indicação de tempo é uma referência lógica que enfatiza a oportunidade maligna que se constrói a partir de uma realidade: “Então, o tentador, aproximando-se”. Expressa a ligação de dois acontecimentos em sequência cronológica direta (RIENECKER, 1998: 67).

No verso 5, a indicação de tempo tem o objetivo novamente de determinar a sequência lógica da tentação que enfatiza o crescimento da dificuldade: “Então, o diabo o

levou à Cidade Santa”. O mesmo pode ser dito do verso 8: “Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto”.

No verso 11 a indicação de tempo tem com objetivo estabelecer o desfecho e a solução: sai o diabo, entram os anjos. Jesus passou no teste. O anjo mau vai embora, os anjos bons aparecem (“Com isto, o deixou o diabo”).

Cenário

No verso 1 há uma indicação de lugar: “A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo”. O deserto é o local da tentação. Há uma intertextualidade em relação ao Antigo Testamento. Em todo o Antigo Testamento o deserto é ao mesmo tempo o lugar da tentação e da oportunidade. É no deserto que Israel é provado, que Elias vaga e recupera a fé. Também é no deserto que o caminho para o retorno dos cativos deve ser preparado após o exílio (Is 40.3). É importante destacar que foi o Espírito (o mesmo que desceu sobre Jesus no batismo) que o levou ao deserto “para” ser tentado pelo diabo. Isso também pode ser um eco da tentação de Jó, quando Deus e o diabo participaram de seu teste. O diabo ativamente, e Deus passivamente, permitindo que Jó fosse tentado.

No verso 5 a indicação de lugar refere-se a Jerusalém, a Cidade Santa. É o local das mais antigas disputas entre Deus e os ídolos. O pináculo do templo é o ponto mais alto, portanto, uma indicação de perigo, mas também, possivelmente, uma alusão ao próprio céu. O diabo quer ver o próprio Jesus caindo das alturas, sendo que, na tradição bíblica, foi ele quem caiu (Ap 12). Pode-se ver também uma indicação de progressão do sentido e do significado da narrativa. A primeira parte da tentação foi no deserto, agora o cenário mudou completamente, pois o diabo o levou até uma cidade. E essa cidade é a própria Jerusalém, onde a religião desenvolve-se oficialmente. E nessa cidade o ponto exato é o templo: o coração da religião israelita. Mas, de algum modo o ponto da tentação ultrapassa tudo isso, pois o diabo o leva ao “pináculo” do templo, o ponto mais alto.

O verso 6 evoca um cenário imaginativo: “e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo”. Jesus caindo da altura e sendo resgatado pelos anjos carrega uma ideia de espetáculo que atende aos anseios do povo por sinais e maravilhas, mas que contraria ao

modo como Mateus o apresenta, não fazendo milagres para diversão, mas para indicar quem ele é.

No verso 8 a indicação do lugar refere-se a um monte muito alto: “Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles”. O monte, na literatura bíblica, é o lugar de se encontrar com Deus. No monte Sinai Deus concedeu a lei. Em diversas passagens foi sobre o monte que Deus se revelou. O próprio texto de Mateus diz que no monte Jesus se transfigurou diante dos discípulos (Mt 17.1ss). O diabo quer ser igual a Deus, quer receber a adoração devida apenas a Deus e no alto do monte. A possibilidade de ver todos os reinos daquele lugar impressiona. É como se fosse do lugar onde o próprio Deus olha para os habitantes da terra.

Também reforça a ideia de progressão da tentação em relação aos aspectos anteriores. Do deserto para o ponto mais santo e alto de Jerusalém e, finalmente, para o ponto mais alto do mundo, para contemplar a glória do mundo. É diante da glória do mundo que Jesus faz a opção pela obediência à Palavra de Deus. E assim, Mateus consegue estabelecer o sentido e a força das palavras de Jesus.

Personagens

Jesus (filho de Deus) aparece em vários versos da passagem (v. 1, 3, 4, 6, 7, 10). É o personagem mais citado e o principal da história, aquele que precisa ser testado e que vence o teste apegando-se somente à Palavra de Deus. Assim, Jesus é identificado como aquele que guarda a Palavra de Deus (Escrituras).

Espírito: personagem misterioso até este momento em Mateus. Aparece apenas no primeiro versículo. Ele é que conduz Jesus até o deserto para ser tentado. Ele não participa diretamente, mas de algum modo está presente e concordando com o teste. Ele já apareceu em forma de pomba na ocasião anterior quando Jesus foi batizado (Mt 3.16).

Diabo (tentador, Satanás) é o antagonista clássico. Aparece tantas vezes quanto o próprio Jesus na passagem (v. 1, 3, 5, 8, 10, 11). O narrador não dá informações adicionais sobre essa personagem. Aparece aqui pela primeira vez no texto de Mateus, sem indicações sobre sua origem, seu caráter ou seus propósitos. Ele aparece simplesmente como o “tentador”, provavelmente uma referência ao anjo tentador do livro de Jó. Também é chamado de “Satanás”, o título que o Antigo Testamento apontou para ele e que os

rabinos popularizaram durante o período intertestamentário. Nesse ponto, sem dúvida, o autor depende da “enciclopédia do leitor” (ECO, 1994: 96) para que seu texto faça sentido. Os leitores precisam saber que ele é o grande inimigo do povo de Deus. No entanto, aqui o evangelista o apresenta como aquele que sabe usar as Escrituras, pois ele até mesmo as cita para Jesus. Talvez isso seja um modo de identificar os fariseus que também se utilizavam da escritura para contrariar os ensinamentos de Jesus. Algo provável na passagem é a ideia de que ele se apresenta de forma física, pois Mateus usa a expressão “aproximando-se” que é uma característica do estilo de Mateus e também sugere um gesto ao dizer “essas pedras” (RIENECKER, 1998: 67). Mateus deixa de modo evidente a ideia de que, nesta ocasião, por sua confrontação com Jesus, Satanás foi direto e pessoal (MACARTHUR, 1983: Mt 4.3).

Deus (Senhor teu Deus): personagem de referência, não aparece, mas está presente na narrativa de modo indireto. Como em Jó, ele não aparece no momento da tentação, mas em última instância é o grande objeto da trama, pois é a reação diante dele que conta.

Homem (citação indireta, v. 4): texto dentro do texto. É uma intertextualidade direta, pois se refere ao texto do Antigo Testamento registrado em Deuteronômio 8.3.

Os anjos aparecem na citação direta intertextual do verso 6, que se refere ao Salmo 91.11; e no último verso da passagem, após a vitória de Jesus, quando eles se aproximam para servi-lo (v. 11). Quando se afasta o anjo mau, os anjos bons se aproximam. São seres que se apresentam como serviçais de Jesus na passagem e visam demonstrar a importância dele. Também não recebem informações ou caracterizações especiais. Como Satanás ou Jesus, não recebem descrições físicas, mas são carregados de fortíssimos componentes teológicos que o leitor recebe através da Bíblia inteira.

Narrador

Como se pode observar no texto bíblico, há nele uma forte presença do narrador.

Segundo Ferreira, o narrador no Evangelho de Mateus quer apresentar Jesus não como um personagem da história passada, mas como o Jesus Cristo vivo que exerce a função de orientar a compreensão do texto. Assim, o narrador se coloca em segundo plano e essa minimização da sua presença tem a intenção de transformar a debilidade textual em abertura para o leitor (2006: 35-57).

Nesse texto a narrativa se dá em terceira pessoa com presença do narrador dando sentido ao texto, mas também deixando abertura para o leitor complementar as informações. O narrador utiliza expressões, nomes e indicações de lugares altamente significativos, arranjando o material de modo a dar um significado forte e coeso. Ele utiliza muitos advérbios para dar sentido temporal e lógico à tentação, bem como para criar um efeito de transição sobre seus leitores. Se não utilizasse esses recursos, dificilmente o texto seria compreensível, por isso talvez a presença mais forte do narrador aqui do que em outras passagens do Evangelho.

Ele se utiliza também de uma linguagem fantástica ao descrever o modo como Jesus foi transportado, primeiro pelo Espírito até o deserto, depois pelo diabo até o pináculo do templo, e, finalmente, até o monte muito alto de onde era possível ver todos os reinos desse mundo.

Como a maioria dos narradores das histórias bíblicas, esse também é onisciente (ALTER, 2007: 234). Ele conhece a verdade como Deus a conhece. Porém, destaca-se esse conhecimento no sentido espaço-temporal (teve fome, pináculo do templo, monte muito alto...), mas não revela informações íntimas das personagens nem as descreve detalhadamente. Também não descreve as cenas com detalhes secundários, por exemplo, como era o deserto, quais as sensações no alto do templo ou os detalhes da glória dos reinos (que reinos? Que monte?). Segundo Auerbach, essa é uma característica própria dos textos influenciados pela literatura hebraica. Não há informações adicionais além das necessárias. Os textos deixam margem para que o leitor preencha os campos necessários. (AUERBACH, 2001: 6-7).

A narrativa é equilibrada entre discurso direto e descrição narrativa.

O narrador não emite opinião sobre as personagens, não caracteriza o diabo como mau, nem Jesus como bom, deixando a critério do leitor que precisa se valer do seu patrimônio literário para entender a história, portanto, age como narrador onisciente e neutro.

Enredo

A passagem tem o objetivo de informar como Jesus se preparou para sua missão, e como ele passou pelo teste de fogo que comprovou sua “filiação divina” e assim

demonstrou que estava apto para realizar a obra de Deus (HENDRIKSEN, 1986: 237). Mas é mais do que isso, pois como em todo o evangelho de Mateus, a ideia é levar o leitor a se identificar com Jesus, para buscar um comportamento parecido com o dele.

Esse texto se coloca entre a declaração divina de que Jesus era o filho de Deus, que aconteceu no batismo (3.13-17), e a saída de cena de João Batista, que dá início ao ministério de Jesus (4.12-17). O verso 17, que encerra toda essa seção, diz que Jesus começou a pregar o arrependimento e a proximidade do reino. A grande importância, portanto, da passagem é que a missão de Jesus e sua identidade como “filho de Deus” é confirmada de uma forma não triunfalista (através de sinais e maravilhas), mas pela sua submissão às Escrituras (HAGNER, 1998: Mt 4.1).

A narrativa do teste de Jesus está firmemente relacionada com a narrativa precedente do batismo de Jesus. O termo chave que faz ligação é justamente a palavra “filho”. Deus disse que Jesus era seu “filho” quando o Espírito desceu sobre ele no batismo. Então Satanás questionou se ele é realmente o “filho”. Se é, então que prove. Após ter sido “reconhecido” por João Batista na ocasião do batismo, e também pelo próprio Deus como “seu filho”; após ter recebido o Espírito que desceu sobre ele ao ser batizado, então, esse mesmo Espírito o levou para o deserto para ser tentado (testado) pelo diabo. O tentador contrapõe as palavras de Deus “este é meu filho amado” (Mt 3.17) com a duvidosa expressão “se és filho de Deus [...]”.

Mais uma vez precisamos nos lembrar do paralelismo entre a tentação de Israel no deserto e a de Jesus. Depois de experimentar a libertação do Egito e o estabelecimento do pacto, Israel provou a tentação no deserto. A sequência de Mateus é similar: após retornar do Egito, Jesus foi batizado e enviado ao deserto para ser testado. Tudo isso demonstrará se ele é o filho de Deus e se tem direito a levar adiante a obra de Deus e representá-lo na terra. Israel fracassou em seu teste, mas Jesus passou, demonstrando a perfeição de sua filiação.

A perícopé consiste de três segmentos da tentação introduzida por uma sentença introdutória (v. 1-2) e uma sentença conclusiva (v. 11): 1) transformar as pedras em pães (v. 3-4); 2) saltar do pináculo do templo (v. 5-7); e, 3) receber os reinos do mundo por um ato de adoração ao diabo. A característica mais comum dos três segmentos é a citação do Deuteronômio por parte de Jesus, introduzidas com a expressão “está escrito” (*gegraptai*, em grego) em resposta às palavras do diabo. Cada tentação tem um padrão comum bem

simples: a) A localização da tentação; b) as palavras de Satanás; e c) A resposta de Jesus. O notável paralelismo da passagem é, entretanto, quebrado em dois pontos: primeiro na surpreendente citação da Escritura por Satanás no segmento “b” (v. 6), e segundo na falta da expressão “se és filho de Deus” no segmento “c” (v. 9), onde, além disso, a cláusula principal não é um imperativo, mas uma promessa: “eu lhe darei todas essas coisas”. (HAGNER, 1998: Mt 4.1).

Concluimos que o tema geral da tentação é presente e importante, sendo que o texto inclusive parece indicar níveis de tentação e o modo como se pode vencê-las, isto é, não cedendo aos impulsos e propostas malignas de satisfazer aos apetites físicos, psicológicos e espirituais, mas se apegando à Palavra de Deus. Mas ao que parece, o enredo central é a ideia do que autentica Jesus como “filho de Deus”. Para o diabo (e também religiosos) é o poder de realizar milagres. Para Jesus (Mateus) é a obediência a Deus e à sua Palavra.

Podemos, portanto, dividir o enredo nas seguintes partes: exposição, tensão, resolução e desfecho. Cada um dos três segmentos da tentação pode incluir essas quatro partes.

Sempre há uma exposição que é justamente a indicação do lugar para onde Jesus foi conduzido para ser tentado. O primeiro é o deserto para onde o Espírito o conduz para estar diante do diabo. O segundo é o pináculo do templo para onde o próprio diabo o leva. E o terceiro é o monte muito alto onde é possível ver a glória de todos os reinos do mundo.

Em cada segmento há também uma tensão que já começa na exposição e se intensifica pela proposta maligna. A primeira é transformar pedras em pães para matar a fome após os quarenta dias e quarenta noites. A segunda é dar provas da veracidade da Escritura e de sua própria filiação jogando-se do pináculo do templo para que os anjos o salvem. A terceira é se prostrar diante do diabo para receber a glória dos reinos do mundo.

A resolução aparece também em cada segmento e sempre é uma citação da Escritura. A primeira é a citação de Jesus de que há outro alimento além do pão, que é a Palavra de Deus. A segunda é a correção da interpretação de Satanás das Escrituras dizendo que se atirar do alto do templo não seria comprovar a Escritura, mas tentar a Deus, o que é proibido pela própria Escritura. E a terceira é a citação do primeiro mandamento que impede que qualquer coisa seja adorada, exceto Deus.

O desfecho, entretanto, somente aparece no verso 11 quando o diabo se retira.

Por isso, o melhor modo de ver essas quatro partes do enredo é considerar em conjunto os três segmentos da tentação.

Exposição

Introdução ao enredo, definida na frase: “A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo”. Aqui todo o propósito da perícopa é exposto de modo simples e claro. Jesus foi levado ao deserto “para ser tentado”. É o Espírito que o leva, ou seja, a tentação é parte do propósito de Deus. No deserto, o tentador o aguarda.

Tensão

A tensão aparece em camadas, seguidas de resoluções provisórias.

A tensão surge no segundo versículo: “E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome”. Com essa frase cria-se a expectativa de que algo vai acontecer. Ao mesmo tempo em que parece lógico, pois sem comer a quarenta dias é preciso ter fome, embora na exposição já foi dito que ele estava ali para ser tentado pelo diabo, então, cria-se a expectativa do que o diabo fará. A tensão se confirma com a expressão: “Então, o tentador, aproximando-se”. Ou seja, ele estava ali para isso e fez uso de sua prerrogativa. Ao “se aproximar” significa que está entrando em cena para agir. A próxima frase amplia a tensão: “Ihe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”. O que Jesus fará? Que ele está com fome, é óbvio. Que tem poder de fazer pedras virarem pães, também parece plausível. Outro elemento complicador é: será que é errado fazer isso? Será que é errado matar a fome? Então, vem a primeira resolução da tensão que é a resposta de Jesus: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”. Entretanto, é uma resolução provisória, pois ela não explica todas as dúvidas incluídas na proposta maligna e, ao mesmo tempo, cria nova tensão que é justamente saber que resposta o diabo dará àquilo que Jesus disse.

A próxima camada tensional surge nos versos 5-6: “Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e Ihe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra”. É provável que esse seja o

ponto alto da tensão, pois geralmente na literatura hebraica os pontos intermediários de uma sentença são os pontos destacados. Em resposta à citação de Jesus do Deuteronômio, o diabo o leva até o pináculo do templo e mostra que também sabe citar as Escrituras. Ao contrário de citar o Deuteronômio, entretanto, o diabo cita os Salmos. Se isso tem alguma implicação aqui é difícil dizer. Mas o fato é que ele contrapõe a afirmação de Jesus com outra afirmação bíblica. A tensão se amplia justamente pelo suspense criado: o que Jesus dirá em resposta? A resolução parcial está na resposta de Jesus: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus”. Novamente não é uma resolução completa porque dá margem para pensar algumas coisas. Primeiro é preciso notar que Jesus diz “*também* está escrito”. Ou seja, ele reconheceu que o que o diabo havia dito estava realmente escrito. Mas mostrou que havia uma norma maior do que aquela e que, de certo modo, a regulamentava. Parafrazeando, Jesus disse: “é verdade que está escrito que os anjos nos socorrem e nos protegem dos perigos, mas também está escrito que não devemos nos colocar em perigo intencionalmente, pois não devemos tentar a Deus”. Jesus citou Deuteronômio 6.16, que se refere ao teste de Deus em Massá (Ex 17.7), onde o povo se recusou aceitar que Deus estava entre eles até que lhes desse um sinal (KEENER, 1997: Mt 4.7).

A terceira camada tensional começa no verso 8: “Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. A expressão “ainda” mostra que na camada anterior houve um princípio de desfecho, pois sugere que não haveria mais nada que o diabo pudesse fazer e o melhor era ele ir embora em definitivo, mas ele não desiste e ainda tem algo mais a oferecer. Aqui, ele parece estar se apresentando em seu próprio terreno. No deserto Jesus estava em comunhão com Deus através do jejum, no templo estavam no centro da religião judaica, mas no monte alto o diabo pode mostrar o que realmente valoriza: os reinos do mundo e a glória deles. Então, propõe uma troca simples: um ato de adoração seria recompensado por tudo aquilo. Ou seja, um pequeno gesto resultaria numa grande recompensa. Qual vai ser a resposta de Jesus?

Resolução

A resolução do dilema está na última declaração de Jesus. Ela se liga às declarações anteriores que foram resoluções provisórias pelo significativo fato de ser apenas mais uma citação da Escritura. Mas agora há um elemento novo e definitivo. Além de citar o primeiro mandamento que estabelece o único que é digno de receber adoração (Deus), acrescenta também um imperativo para Satanás, que é a expressão “retira-te”. Ela mostra a supremacia de Jesus sobre o diabo (HENDRIKSEN, 1986: 246) e traz a única resolução definitiva possível, que é uma repreensão direta de Jesus sobre ele. A resolução implica numa derrota forçada de Satanás, pois não adiantaria ficar argumentando com ele. Apesar de ter perdido em todas as instâncias, ele nunca vai desistir, portanto, precisa sofrer uma sanção direta de Deus.

Desfecho

O desfecho está no verso 11: “Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram”. O diabo precisou obedecer à ordem de Jesus e foi embora. Isso já antecipa o fato de que os demônios terão que partir quando Jesus ordenar. Assim, os possessos sempre lhe obedecerão e nunca conseguirão impor resistência no decorrer do evangelho.

Tudo isso ainda pode ser visto também pelas expressões utilizadas por Mateus para enfatizar a realidade da tentação de Cristo em cada camada. No v. 3 foi dito que o tentador se pôs “ao lado dele”. No v. 5 lê-se que o diabo o “levou consigo”. No v. 8 se diz ainda que o diabo o “levou com ele”. E no v. 11 diz que o diabo “o deixou”, literalmente “o soltou”. Isso dá a ideia de que na tentação o diabo o “segurou firme” (RIENECKER, 1998: 67), mas também que isso foi somente enquanto Jesus permitiu. Quando Jesus o repreendeu, ele teve que “soltá-lo” e ir embora.

Finalmente, os anjos vieram para servir a Jesus. Tudo aquilo que ele precisou renegar diante de Satanás, pois seria pecaminoso, agora é compensado pelo serviço dos anjos. A lição é implícita: quem abre mão das coisas ilícitas será recompensado posteriormente.

Portanto, nesta perícopa encontramos algo que é essencial no discurso de Mateus. O objetivo da obediência é alcançado não por uma triunfante auto-asserção, nem por um exercício de poder ou autoridade miraculoso, mas paradoxalmente pelo caminho da

humildade, serviço e sofrimento, e, acima de tudo, um apego as Escrituras e um repúdio veemente a Satanás e seus métodos.

Referências bibliográficas

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ECO, Humberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, João Cesário Leonel. Estudos literários e a Bíblia: o papel do narrador na organização do Evangelho de Mateus. *Revista Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, n.31, p. 34-57, dez 2006.

HAGNER, Donald A. *Matthew 1-13*. Dallas: Word Books, 1998. (Word Biblical Commentary, Volume 33a).

HENDRIKSEN, William. *El Evangelio Segun San Mateo*. Traduzido por Humberto Casanova. Grand Rapids: Libros Desafio, 1986.

KEENER, Craig S. *Matthew*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1997 (IVP Bible Background Commentary: New Testament).

MACARTHUR, John F. *Matthew*. Chicago: Moody Press, 1983 (The MacArthur New Testament Commentary).

RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus* Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998 (Coleção: Comentário Esperança).